

REDACTOR PRINCIPAL

Alexandre Vieira

EDITOR

Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional

(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Officina de impressão — R. da Atalaya, 134

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talhadas — Lisboa • Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Cada vez pior

A 11 de Novembro assinou-se o armistício, e uma universal alegria por todo o país se espalhou. Poucos eram os que não estavam esperando em que, devido à cessação das hostilidades, o custo da vida sensivelmente baixasse, aliviando-se a essa esperança a satisfação pelo término do repugnante massacre. Contava-se com o rápido regresso às condições económicas anteriores à guerra. O pão, alho e apertado, a 9 centavos o quilo; o feijão, abundando em todas as mercearias, vendido a 6 e 7 centavos o litro; o bacalhau e as batatas, a preços igualmente acessíveis. Antegostava-se já o prazer de um prato de *filadelfia*, guarnecido das competentes batatas e banhado em azeite limpo e muito louro, que ficasse por um preço módico. Iam terminar os tempos de fome. Não mais a repugnante mistela, mal manipulada e mal cheirosa, que o sindicato moagreiro nos fornecia sob o falso nome de pão; não mais o arroz e o feijão avariados, não mais as *bichas* ululantes e revoltas, alastrando pelos passadizos. E estávamos todos tão possuídos da certeza do viver fácil, do restabelecimento pronto do universal tráfico comercial, que choviam as zombarias sobre os comerciantes que, tendo os armazéns repletos, contavam com que o horrível incêndio por muito tempo ainda devorasse o velho mundo.

Não foi necessário que decorressem muitos dias, para que tão doce visão se fosse dissipando com o contacto da dura realidade dos factos. As batatas, o azeite, o bacalhau, continuaram com preços tão elevados, que qualquer dessas substâncias era digna de figurar numa joalheria, ao lado de pérolas limpidas, de grossos cordões de ouro e diamantes magníficos. O comerciante que durante toda a guerra roubara o público, dentro da lei, já se vê, achou prudente continuar em tempos de trégua, com a prática da arte de enriquecer depressa. E disso muito logicamente resultou que a vida se mantém cara e difícil, originando uma interminável série de greves para melhoria de situação, greves em que durante os tempos sidonistas, se via o dedo democrático, e em que agora, que regressamos aos tempos de pura democracia, se vê o dedo sidonista.

Muita gente se indignou, a princípio, com o facto de a carestia da vida se manter, apesar do canhão ter deixado de rocar desde Ostende até Veneza. Porém a corrente de indignação popular, os governos esboçaram-se por oportuno, e a vida das nossas fagueiras promessas, que de pronto eles mesmos, com as suas próprias mãos, demoliam, dando passagem às ondas tempestuosas de quatro anos e meio de guerra, que por fim quebravam as suas fúrias ante o argumento derradeiro: as baionetas da força armada, prontas a mergulhar nas carnes miseráveis do populacho.

Depois, tudo se aquietou. Porque isto de andar com a barriga quasi vazia, sentar por fim por se tornar num hábito, que ninguém estranha. Cessaram as imprecações, os protestos furibundos contra os acambradores que, muito tranquilos e seguros da protecção que lhes dispensam as instituições que, com o nome da deusa da Pátria e da República, não permitem que o povo sofra, e o povo conquistou mais uma fatia de pão, continuaram enchendo as barrigas com truta das suas roubalheiras.

Todavia, em boa verdade, diremos que isto ainda não esteve pior. De que não se serve receber ao fim de uma semana de extenuante labor, volumosa massa de cédulas, se de pronto elas desaparecem, distribuídas, aos punhados. O fadado mercador, que poucas nos deixava para a paga das mansardas, sem, em vez, sem cómodos de espécie alguma, em que vivemos, e para a compra, a elevado preço, de alguma peça de mobiliário? Adquirir um par de botas, coisa difícil para o operário que ganha 1800 ou 2500 por dia útil, pois tanto o seu custo, que nem a tória de uma semana chega. E o que sucede com o cédulo, repeti-se, da mesma forma, com os chapéus, os fatos, as roupas caras. Quanto às subsistências, de que é confessor que a escassez em que desapareceu, mas nem por isso não de nós menos arrefecida, devido aos recursos da magra bolsa dos sidonistas.

Indiscutivelmente isto está cada vez pior. Razão havia para inúmeros protestos, da parte da classe trabalhadora, e esta, adaptada à fome, lá continuava a labutar, extenuada, sem forças, sem energia, despertando às vezes do

LUÍS BERTONI

«Quem não conhece, no mundo operário, o nome de Luís Bertoni? Quem, sendo amigo, o não estima e admira, quem, sendo honesto adversário, o não respeita?»

Prestando homenagem, em *La Vie Ouvrière*, a um bravo militante anarquista, Beranger, cuja vida estóica e modesta pode servir de exemplo, Monatte conclui: «Homens assim são os pilares da sua ideia. O anarquismo conta-os em maior número que o que se imagina; quasi não há região onde eu não veja uma dessas figuras; são elas a sua verdadeira força».

Bertoni é protótipo dessa classe de homens. Moralmente, é uma belíssima figura. A sua vida particular inatacável, a sua vida familiar, a sua firmeza e integridade de carácter, a sua abstenção de tudo o que cheira a reclame e ostentação, acabaram por lhe assegurar uma grande força moral, caução inestimável da sua propaganda e dos seus argumentos.

Intelectualmente, não é tido em menor conceito. Operário tipógrafo, originário da Suíça italiana, redige há 18 anos em Ginebra um semanário anarquista, *Le Réveil*. O *Réveil*, com duas páginas em francês e duas em italiano, o qual é uma das melhores publicações libertárias. Discípulo em muitos pontos de Malatesta, ao qual o ligam laços de intimidade e afinidades de carácter, Bertoni está entre os que mais tem contribuído, não só para a difusão, mas para a constante depuração e progresso do ideal e da prática do anarquismo operário.

Como escritor, tanto em italiano como em francês, é mestre nessa forma rigorosa, precisa, simples, honesta, que deve enroupar as grandes ideias profundamente sentidas. Um outro alto espírito de anarquismo, o autor do *Evangelho da Hora*, o parisiense Paul Berthelot, que com ele convivera de perto, dizia, no Brasil, a quem estas linhas escreve: «Bertoni é a mais admirável figura daquela com quem tenho tido trato pessoal, durante a minha vida errante. Mesmo literariamente. Em italiano, não sei, mas acredito no que me dizem, porque em francês não acredito em melhor adapte o estilo, sóbrio e singelo, à beleza e profundidade da ideia. Não sei bem exprimir o prazer que sinto ao lê-lo».

Pois bem: foi este homem que a polícia suíça quis envolver num desses tenebrosos emburlos policiais, em que entram espíritos, agentes provocadores, assalariados de potentes em rica com os seus rivais, a mistura com alguns parvos e tarados, que dizendo-se, para desgraça de todas as ideias, adeptos das mesmas, são fáceis joguete nas mãos dos fazedores de fitas policíicas.

Em fins de 1917, descobriu a polícia de Zurico várias bombas no fundo do rio Limmat e diversas armas, munições e folhas soltas revolucionárias em italiano, num alpendre. Estais a ver daqui o que disse a polícia — e a imprensa. Um achado! No caso, corria o tiro alemão. E daí prisão, julgamento, condenação.

Mas o processo continuava. Foram detidas mais 150 pessoas, entre elas Bertoni, na primavera de 1918. Tinha encontrado, entre os seus colaboradores voluntários do jornal, o nome dum indolente envolvido no caso. O indolente indu em franco, soma que a polícia e a imprensa elevaram logo a 100000 (cem mil) francos, mais coisa de nada. E só a fantasia, foi Bertoni apresentado como distribuidor de dinheiro e armamento a rodos para a revolução, como aliando gente e consciências a peso de ouro.

Durante mais dum ano, Bertoni e seus coacúsados estiveram sujeitos a um regime de isolamento, sob o peso da acusação. Mas veio enfim o julgamento, que foi para Bertoni e suas ideias um triunfo estrondoso e completo, moral e intelectualmente. O próprio juiz, ante a evidência dos factos, prestou pública homenagem à alta consciência que se erguia na sua frente: «Não, Bertoni não pode ser culpado».

Abolvido em Zurico, Bertoni foi encarcerado em Ginebra, à sua espera, todas as associações operárias da cidade, com as suas bandeiras, muitos milhares de pessoas, que o acambraram em cortejo, não só para saudar o inquebrantável e incorruptível militante, para o animar no prosseguimento do seu esforço, mas ainda para clamar um protesto indignado contra as odiosas e infundadas acusações que lhe foram feitas.

A sua onda políica quebra-se, porém, impotente contra um intangível rochedo de valores morais e intelectuais como Bertoni.

Deste extremo ocidental da Europa, envia *A Batalha* a mais calorosa e comovida saudação ao valoroso militante do nosso grande exército vermelho internacional.

Quadros dos jornais

A Federação do Livro e do Jornal convoca todos os membros dos quadros dos jornais diários para uma reunião hoje, às 12 horas. Pede-se a comparecência de todos, devido à importância do assunto a tratar.

Em Espanha

Moção de desconfiança ao governo MADRID, 11. — Na câmara dos deputados a moção de desconfiança ao governo foi rejeitada por 200 votos contra 144. — H.

OS DEPORTADOS

DE S. MIGUEL AO CACUACO

Trabalhar, trabalhar sempre — Insultos, bofetadas, cavalo marinho — A fome e os castigos

Continuando na troca de impressões com os camaradas deportados, perguntámos-lhe:

— «E que me dizes acerca dos castigos que na fortaleza infligem aos presos?»

— «Para fazer uma ideia do que são os castigos, basta dizer que o menor castigo consiste em 30 dias de prisão isolada, agravada com jejum em dias alternados e ferros nos pés. E é o castigo mais insignificante... A prisão chama-se a Casa da Cal, e é verdadeiramente pavorosa. Encerram um homem numa cela de pouca cubagem, sem luz, onde com dificuldade se respira. O calor é tanto, que os presos são obrigados, pouco tempo depois de estar na cela, a despir-se, ficando a roupa encharcada, devido à abundante transpiração. Poucos são os presos que conseguem resistir a tão violento castigo. Calcula, então, o que será dos desgraçados que em lugar de 30 dias, apenas 90! Felizmente, eu nunca sofri tal tortura, pois tenho a certeza de que não conseguia resistir».

— «E vocês estiveram muito tempo na fortaleza?»

— «Parte dos deportados, estiveram lá quasi sempre. Eu só lá estive dois meses e meio, e fiquei farto. Segui depois, numa leva de 400 homens, que partiu às 4 horas da madrugada, para a ilha de S. Miguel, que fica a cerca de duas leguas de Landa. Ali trabalhava-se continuamente, abrindo-se estradas no mato, debaixo de um sol abrasador, trabalhando-se desde madrugada até à tarde, sempre de picareta na mão, gosando apenas de breves horas de descanso. Da mesma forma que na fortaleza, os sargentos acambravam-nos constantemente com os cavalos marinhos, obrigando a trabalhar os dentes e os convascões. Nós não parecíamos homens livres, vivendo no século XX, mas sim um bando de escravos, ao serviço de qualquer rocheiro, que nos espancasse e matasse à fome e a mais tratos».

— «E a alimentação no acampamento, era melhor do que na fortaleza?»

— «Era a mesma mistela; nauseante, imprópria, cheia de bichos. As vezes, apareciam no acampamento prelos vendendo fruta, e era o que, a maior parte das vezes, nos valia. Chegamos, porém, ao ponto dos oficiais proibirem a venda da fruta».

— «E vocês, não ganhavam nada pelo trabalho que executavam?»

— «Os que trabalhavam mais, ganhavam 22 centavos por dia; quanto aos outros, que, por doença ou qualquer outro motivo, tinham uma produção menor, variavam 10 ou 12 centavos. O pagamento era às quinzezas, mas muitas vezes passavam-se quatro e cinco quinzezas sem lá aparecer o pagador. E, geralmente quando, por fim, lá chegava, pagava só uma ou duas».

— «Os oficiais, é claro tratavam-nos com delicadeza. Isso não seria de estranhar em homens dotados de cultura, e compreendendo, portanto, as dores humanas».

— «Pelo contrário, tratavam-nos rudemente, sempre com modos brutos, pois ali não há sentimentos humanitários».

A AGITAÇÃO OPERÁRIA

A GREVE FERROVIÁRIA

O movimento ontem iniciado pelos ferroviários de todas as companhias, prosseguindo energicamente

Foi o assunto do dia, ontem, a greve ferroviária. Provocada pela atitude do governo da presidência do sr. Domingos Pereira, em face das reclamações do Sindicato Ferroviário, é de esperar que tenha breve solução, atenta a disposição dos grevistas de só retomarem o trabalho quando justiça lhes for feita.

Todas as linhas da C. P. se encontram paralisadas, bem como as do Estoril, Val do Vouga, Guimarães, Beira Alta, Porto à Póvoa e Fátima e Penafiel à Lixa. São falsas as notícias tendenciosas publicadas nas *Impressas*, sobre a sabotagem. Esta não tem importância material, pois que os grevistas, depois de uma solução imediata do conflito, repõem em poucas horas todos os seus lugares. O pessoal e os comités de Lisboa, encontram-se bem impressionados com a atitude do governo, que até a hora de fecharmos o nosso jornal, não exerceu quaisquer violências.

A sede do sindicato, onde durante todo o dia de ontem houve grande animação, não está encerrada, mas sim os escritórios, para evitar que as comissões sejam constantemente perturbadas nos seus trabalhos.

A comissão espera a todo o momento ser chamada pelo governo e pelas companhias, das quais depende a rápida solução do conflito.

As reclamações destes nossos camaradas, já foram publicadas no n.º 64, de 28 de abril do ano corrente, deste jornal.

Ontem, às 22,40, saiu da estação do Rocio uma máquina rebocando três vagões com uns poucos de cavalos para o concurso hípico, em Coimbra, devendo os referidos vagões ser atrelados a um comboio que devia sair daquela estação. Como este comboio não se realizou, os cavalos ficaram em Braga de Prata, sendo desembarcados hoje.

Relativamente às locomotivas que foram arremessadas para o fosso da placa giratória, em frente do depósito das máquinas, um pouco além da estação, apurou-se o seguinte:

Tem o n.º 0,20 e 3. A primeira é das grandes, inglesas, e a segunda é francesa. A 0,20 ficou voltada ao norte, com o cabeçalho na borda do mesmo fosso, onde também se vê o respectivo «tender», e a 3 tem o cabeçalho no fosso e a parte ocupada pelo maquinista sobre a borda do referido fosso. As avarias nestas máquinas são de pequena importância. O cimento do fosso ficou muito danificado, vindo-se dentro achas de pinho e carvão.

Na referida estação estão mais seis máquinas grandes e duas pequenas. As grandes faltam peças, sem as quais não podem trabalhar. As pequenas estão bem. Na linha 5, linha de saída, a máquina 0,23, inglesa, foi descarrilhada, e na linha 8 está o «tender» 118 descarrilhado. A linha está um pouco danificada. Na agulha 34, próximo de Xabregas, foi descarrilhada outra máquina.

As autoridades militares de Braga mandaram guardar militarmente toda a linha desde Nave até àquela cidade. Em Alcátara-Terra, todo o movimento paralizou, não tendo comparecido hoje, o pessoal, o mesmo sucedendo em Alcátara-Mar. A estação está guardada por uma força de infantaria 5, do comando dum alferes e por patrulhas da guarda republicana.

A BATALHA na Argentina

(Do nosso correspondente especial)

Grandiosa agitação grevista — A grande greve dos marítimos — Guarda branca e repressão governamental — Os gráficos

Buenos-Aires, 26 de Maio de 1919.

A despeito ou por efeito — como queiram — duma repressão implacável, as greves amoldam-se aqui de um modo assombroso. Desde a grande greve de Janeiro, iniciada na fábrica do bandido Vasena, tem-se sucedido com pasmosa rapidez os movimentos parciais, e o que mais surpreende, mesmo em corporações que até então não haviam dado sinais de vida, como, por exemplo, os barbeiros, os criados de casa, os jornalistas, os artistas e empregados de teatro, os empregados do comércio, etc. Todas essas classes aprendem a lista das suas reivindicações, que são em geral a redução das horas de trabalho, o aumento de salários, o reconhecimento do sindicato, etc.

E o caso é que todas as greves tem ficado vitoriosas. Assim, é, por exemplo, que hoje os empregados do alto comércio e os grandes estabelecimentos só trabalham 44 horas semanais: oito horas diárias durante cinco dias, quatro horas aos sábados. Nós, os gráficos, vamos reclamar 40 por semana, isto é, sete de segunda até sexta-feira, e aos sábados cinco.

Naturalmente, quem não acha de maneira alguma do seu agrado a feição que, desde Janeiro, vem tomando a lista corporativa, são os capitalistas, que veem com desgosto, e mesmo com um pouco de apreensão, o formidável avanço do sindicalismo. A coisa compreende-se, que diabo!

Mas é aos puritanos ingleses sobretudo que este estado de coisas causa a mais soberana das irritações. Estes campeões da liberdade e dos fracos, fazem da moral uma questão de geografia, não admitem, não podem suportar que os operários de uma das suas muitas feitorias ousem encarrá-los de frente, como fizeram os marítimos na greve que durou desde Janeiro até princípios de Abril.

Esta greve foi a primeira grande batalha travada entre os operários e o Capital coligado. Uma das condições que os grevistas apresentaram ao governo para ser retomado o trabalho foi que ele havia de observar a mais estrita neutralidade no conflito. E o governo houve por bem conformar-se. A Federação Operária Marítima, que me deu o selo todos os trabalhadores do mar desde os capitães de navio até aos moços de bordo, exigia das empresas armadoras, além do aumento de salário e duma série de reformas, todas elas tendentes a manter a fiscalização da F. O. M. nos barcos e a segurança de todos os seus associados, o direito de aplicar a boicotagem sem restrição alguma.

Muitos armadores aceitaram desde logo os seus serviços não foram interrompidos. Mas uma companhia inglesa, senhora de considerável fortuna, que há quatro anos é ainda argentina, encorreu-se numa negativa redonda, formando bloco com outros armadores, a fim de desbaratar a F. O. M.

A luta foi renhida, recorrendo os armadores aos maiores extremos sem atenção pelos enormes prejuízos do comércio. A maior parte dos transatlânticos deixavam a carga em Montevideo, Rio ou Santos, ou mesmo Bahia! E na Europa as companhias inglesas não vendiam passagem para aqui.

Apesar de tudo, os gráficos vão entrar em luta. Hoje mesmo ultimaram a lista de reivindicações e o plano de batalha. Será sem dúvida votada a boicotagem decidida pela Federação do Congresso (a qual pertencemos) com alguns tubarões, fundadores da Associação branca e pertencentes ao alto comércio: não poderão mandar fazer quaisquer impressos nem deixar anúncios nos jornais. Igualmente boicotada a Guarda Branca e a sua revista.

Que resultará desta luta? O tempo o dirá, mas o operariado argentino continua animado do melhor espírito combativo e das mais bem fundadas esperanças.

F. SANTOS

mando dos Santos; Manuel Unhão e Lúcio Armando dos Santos por estarem procedendo à sua distribuição.

As estações e apeadeiros de Lisboa e arredores foram abandonados pelo pessoal. Do pessoal só não abandonaram o trabalho os guardas das cancelas, parece que por ordem do comité central da greve.

A estação de Santa Apolónia está guardada por uma força de infantaria 35, comandada pelo capitão Brito e alferes Veiga, não entrando lá ninguém sem licença do comandante da mesma força. Todas as portas estão fechadas, excepto a que está em frente das escadarias do hospital da Marinha.

As portas foram afixados avisos do comité central dos grevistas de que se não entregues gado, criação e quaisquer encomendas que se possam deteriorar.

O general da 3.ª divisão mandou guarnecer a linha da Companhia Portuguesa, até Espinho, por forças de infantaria 18 e cavalaria 9.

A estação da Boavista, na linha da Póvoa, está guardada por infantaria 31. O comboio correio que ontem à noite saiu daqui em direcção a Lisboa, ficou retido em Coimbra.

Nota Oficial do Sindicato Ferroviário

Do Sindicato Ferroviário, enviam-nos a seguinte nota oficial:

«Poi cada ordem e afixados avisos para que nas estações de Lisboa sejam entregues as remessas de...

«Estas entregas só serão feitas por agentes nomeados pelo Sindicato, depois de a este serem requisitados. — O Comité Central.»

Na presidência do ministério realizou-se hoje uma demorada conferência entre o chefe do governo e os ministros da guerra, trabalho e comércio, Fausto de Gigueiredo e engenheiro Vasconcelos Correia, director da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, e Ginstel Machado, comissário do governo junto da mesma companhia, sobre a greve dos ferroviários. A parte da conferência assistiu o ministro das finanças. Ficou resolvido que a manutenção da ordem pública, se encarregasse os ministros do interior e da guerra, ficando a solução completa do conflito, a cargo do ministro do trabalho. Este convidou a direcção da Companhia para uma conferência a noite de seu ministério, ouvindo depois uma delegação composta pelos seguintes camaradas: Armando Massano, António de Almeida, Vitorino de Carvalho, Luiz Ludovico, António Patarata, Manuel Inácio e Carlos Coelho.

«As estações estão ociosamente...

